

90 anos de nascimento

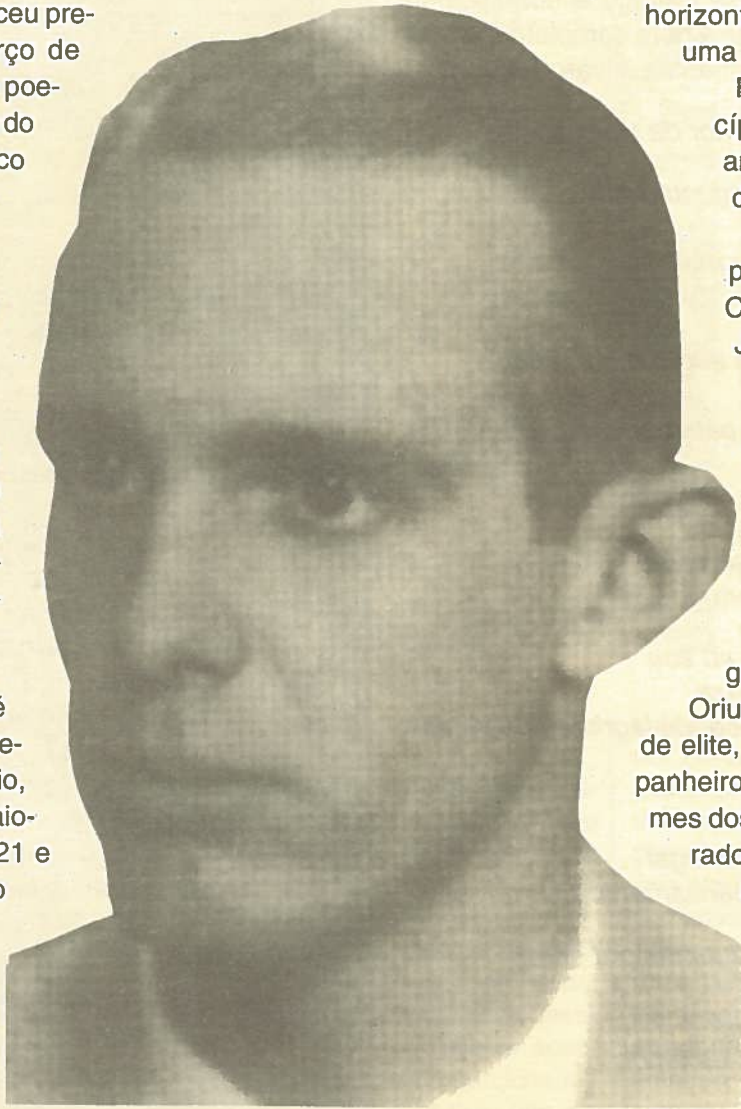
Poeta lousadense Álvaro Feijó

05.06.1916 - 09.03.1941

Álvaro Feijó desapareceu precocemente a 9 de Março de 1941, com 24 anos. Este poeta publicou, um ano antes do seu passamento, um único livro de versos: "Corsário". Alguns amigos, condiscípulos e camaradas de letras fizeram sair, poucos meses mais tarde, na colecção coimbrã "Novo Cancioneiro", um volume que reeditava na íntegra o Corsário, uma escolha dos seus primeiros versos e incluía um futuro livro que fora deixado incompleto: Diário de Bordo. Segundo João José Cochofel que prefacia a segunda edição do Corsário, Álvaro Feijó atingiu a maioridade poética entre os 21 e os 23 anos e, apesar do rápido percurso poético, "legou-nos uma colectânea de versos de especialíssima importância no conspecto da poesia portuguesa posterior à *Presença*".

Acedemos a alguns recortes publicados na imprensa diária há duas e três décadas, amavelmente cedidos pelo único irmão do poeta, Rui Maria Malheiro Távora de Castro Feijó, da Casa de Vilar, na freguesia de Vilar do Torno e Alentém, do concelho de Lousada.

Álvaro de Castro e Sousa Correia Feijó nasceu em Viana do Castelo a 5 de Junho de 1916, segundo o próprio "numa manhã com neblina de bronze sobre o rio. O sol era uma incógnita na bolsa esverdeada do



horizonte e, embora primavera, uma manhã de outono".

Foi educado segundo princípios aristocráticos, num ambiente de acentuada tradição liberal.

Muito novo foi estudar para La Guardia, frente a Caminha, no Colégio dos Jesuítas. Depois fez a admissão a Direito, no Liceu Alexandre Herculano, indo frequentar o curso de Leis na Universidade de Coimbra. No terceiro ano abateu-se sobre ele uma doença implacável que o vitimaria no ano seguinte.

Oriundo de um estrato social de elite, o poeta teve como companheiros de geração Políbio Gomes dos Santos, Joaquim Namorado e João José Cochofel e conhecem-se entre os seus ascendentes o poeta-diplomata António Feijó, cuja poesia, de cepa parnasiana, floresceu nas últimas décadas do século

XIX. Apesar da origem social privilegiada revelou interesse pelos humildes e explorados e há quem saliente três aspectos fundamentais na sua poesia: a expressão egocêntrica do mundo interior; preocupação social e o amor. O grande pano de fundo dos seus poemas é o mar, como símbolo do sonho e mistério.

Na sua única obra publicada em vida sente-se que o poeta tem uma previsão quanto à sua morte precoce:

(Continua na pág. seguinte)

"Nasci menino!
Hei-de morrer menino
se nada houver
que venha destruir este prazer
de ser menino".

O que transparece da sua poesia é uma alma constrangida, amargurada, insatisfeita, desencantada mas ansiosa de vida: "A ansiedade, a dor, o pranto (...) são as três peças que compõem o manto que hei-de levar comigo a vida inteira".

Ele assistiu a duas guerras violentas: a Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial. Ecos desta violência perpassam na sua poesia.

Após a sua morte, o seu amigo e discípulo Armando Bacelar edita-lhe a obra completa (ou quase) com o título «Os Poemas de Álvaro Feijó».

Os Dois Sonetos de Amor da Hora Triste *

Rapariga que passas perguntando
talvez por mim
se a nossa pátria eu quis mais livre para ti
e se por ela me perdi

Tu que por nós andas há séculos chorando
deixa correr na tua face
como se fosse a própria pátria que chorasse
uma lágrima por mim.

Agora que me vou
com mil punhais no pensamento
e um pedaço de terra portuguesa

Tu que não sabes quem eu sou
veste o teu rosto de tristeza
e em segredo por mim acende lágrimas no vento

Estrelas de sal
a cintilar no vento
quando eu me for com Portugal
às costas e punhais no pensamento

Estrelas de sal as tuas lágrimas por mim
quando eu me for.
Mas não de mágoa. Assim
quase de raiva: lágrimas de amor.

Tu chorarás como quem chora
também por si. Eu sou teu povo no caminho.
Trágico e sozinho

Por todas as fronteiras entre a mágoa e a França
eu sou teu povo que se vai embora
levando às costas Portugal e a esperança.

* Escrito por Manuel Alegre, na Casa de Vilar, em 1964, dedicado a Rui Feijó, a partir de um tema de Álvaro Feijó.

NATAL

Foi numa cama de folhelho
entre lençóis de estopa suja
num pardieiro velho.

Trinta horas depois a mãe pegou na enxada
e foi roçar nas bordas dos caminhos
manadas de ervas para a ovelha triste.

E a criança ficou no pardieiro
só com o fumo negro das paredes
e o crepitar do fogo,
enroscada num cesto vindimeiro,
que não havia berço
naquela casa.

E ninguém conta a história do menino
que não teve
nem magos a adorá-lo,
nem vacas a aquecê-lo,
mas que há-de ter
muitos Reis da Judeia a persegui-lo;
que não terá coroas de espinhos
mas coroa de baionetas
postas até ao fundo
do seu corpo.
Ninguém há-de contar a história do menino.
Ninguém lhe vai chamar o Salvador do Mundo.

Porque é que não nos vimos
junto à cancela do caminho velho?
Porquê? Só por sentirmos
a tortura do longe, estando perto?
Tortura? Para quê?
Que temos nós, para que a vida
pretenda torturar-nos?
Não sei se tu choraste ou se te deu
vontade de chorar!
Sei
que a mim me deu vontade de chorar
de raiva
e que chorei.
Porque é que eu não havia de chorar?

O pranto
que desliza pelos olhos cala o pranto
que cai na alma!
Porque é que não nos vimos?
E, no entanto,
a cancelinha do caminho velho
estava aberta de par em par!
Assim,
que seja um símbolo a cancela aberta
do caminho velho,
sobre a brancura do caminho novo
que tu há-de seguir junto de mim.



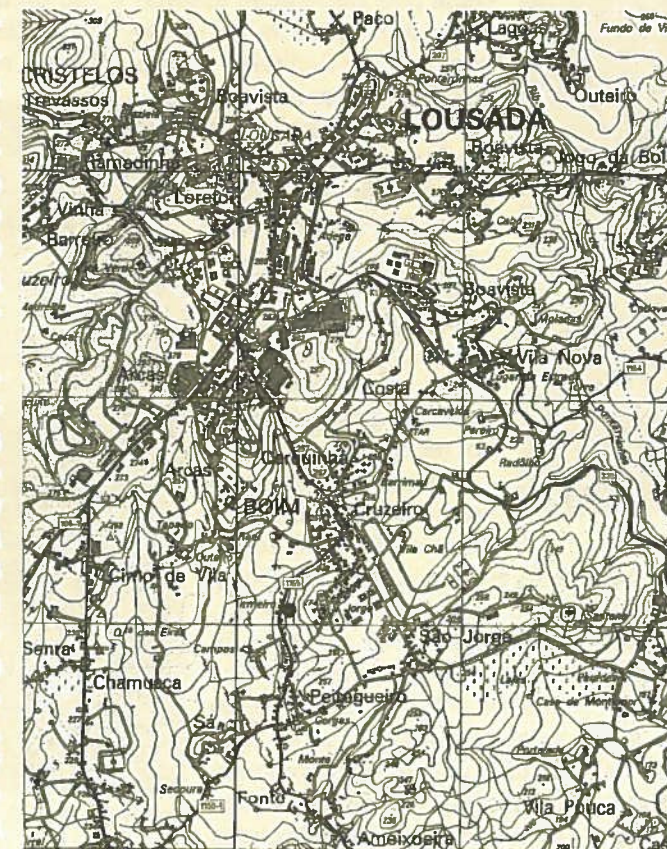
Necrópole medieval do Irmeiro (Boim)

Cientificamente registadas em 1994, o núcleo de sepulturas escavadas na rocha do lugar do Irmeiro (Boim), constituído por três moimentos, foi recentemente alvo de um primeiro estudo aprofundado por parte do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

Dado o parco conhecimento que actualmente subsiste sobre as tumulações Alto-Medievais na área geográfica do actual concelho de Lousada, onde, até à data apenas foram identificados três sítios arqueológicos com núcleos de sepulturas escavadas na rocha – necrópole do Irmeiro (Boim); necrópole de S. Miguel (S. Miguel), e sepultura isolada de Vilar do Torno e Alentém (Senhora Aparecida) – justifica-se a pertinência e a oportunidade deste estudo. Assim, o propósito do estudo é, para além de contribuir para a divulgação do património arqueológico concelhio, contribuir para o alargamento do conhecimento da ocupação humana na região do vale do Sousa, bem como das suas práticas e ritos funerários durante o período que medeia entre o século VI e XI.

O estudo, que aqui se sintetiza em breves traços, será publicado na íntegra no primeiro volume da revista *OPPIDUM* - Revista de Arqueologia, História e Património da Câmara Municipal de Lousada, a ser lançado em breve.

Todos os trabalhos desenvolvidos no sítio do Irmeiro enquadraram-se no processo de revisão da Carta Arqueologia do concelho de Lousada, projecto cujos trabalhos de campo, da responsabilidade do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada, tiveram início em Julho de



Extracto da Carta Militar de Portugal 1:25 000, folha 112

2005, após aprovação por parte do Instituto Português de Arqueologia.

Localizadas numa pequena plataforma, no sopé da encosta do monte de S. Jorge, as sepulturas do Irmeiro encontram-se presentemente confinadas ao quintal de uma casa particular, construída na década de 1960 à face da actual Estrada Municipal 1155 (EM1155), da qual dista cerca de 20 metros. Sem quaisquer acessos que não aqueles proporcionados directamente pela habitação que lhe é imediatamente contígua, a estação arqueológica encontra-se implantada à cota de 238 metros, sendo totalmente escavada numa superfície de granito que se eleva a cerca de 7 metros do actual nível da estrada, com as seguintes coordenadas geográficas (WGS/84): 41°15'34,6"N - 8°16'57,5"W.

Popularmente designadas «esconderijo dos mouros» ou «pias dos mouros», as três sepulturas que compõem actualmente o cemitério rupestre do Irmeiro foram abertas no coroamento de um único afloramento, ligeiramente inclinado para sudoeste, que, mercê da erosão ou, mais provavelmente, de acção antrópica destinada a individualizá-lo e/ou a limitar o escoamento de águas pluviais para os arcazes situados a uma cota inferior, se apresenta fragmentado superficialmente, dando origem a dois segmentos distintos separados por uma vala rudimentar orientada segundo os eixos das próprias cavidades sepulcrais.

Um dos aspectos mais peculiares do cemitério rupestre do Irmeiro é a presença de duas sepulturas com dimensões reduzidas e apenas uma que poderemos considerar como provavelmente pertencente a um adulto ou um pré-adulto. As duas sepulturas menores (S1 e S2) (Fig.1) encontram-se implantadas na mesma secção do afloramento, denotando uma orientação axial muito similar e um comprimento máximo em torno dos 130cm, o que configura dois enterramentos infantis que, a avaliar pelas dimensões dos túmulos, corresponderiam a indivíduos com uma estatura média de 1,18m, portanto crianças, provavelmente com menos de 8-9 anos de idade. Por outro lado, a sepultura de maiores proporções, cuja orientação diverge ligeiramente das restantes sepulturas, corresponderia, então, à inumação de um corpo com uma altura máxima entre 1,58 e 1,68m, o que prefigura, com algumas certezas, um adulto.

Em termos de orientação dos túmulos, constata-se, uma divergência (Continua na pág. seguinte)



Figura 1 - Sepultura S1

de pelo menos 14^º entre as sepulturas S1 e S2 (infantis) (Fig.2) e a sepultura de adulto S3, sendo evidente que nenhuma delas segue os preceitos da orientação canónica: a cabeceira virada para Oriente onde, supostamente, Deus se perfilaria no dia do Juízo Final. Não sendo crível que este desvio axial tão acentuado possa ser explicado por uma errónea interpretação da trajetória solar por parte do artífice responsável pela abertura da sepultura, o facto poderá ser explicado pelo aproveitamento da morfologia do afloramento disponível ou ainda pelo alheamento da comunidade em relação às práticas cristãs de inumação em vigor na época, já que eventuais orientações ditadas por um templo próximo, entretanto desaparecido, ou até por um antigo eixo viário, nos parecem, neste caso, argumentos ainda carenciados de fundamento.

A reduzida expressão da necrópole do Irmeiro, a peculiaridade das soluções tipológicas evidenciadas pelas três sepulturas estudadas e a própria organização espacial do cemitério, afiguram um apreciável grau de dificuldade no que se refere a uma aproximação tendente à sua balizeira temporal.



Figura 2 - Sepultura S2

Enquadráveis no âmbito geral de um dos grupos tipológicos definidos para este tipo de monumentos – o das sepulturas antropomórficas – as sepulturas do Irmeiro revelam, desde logo, uma imperfeita simetria antropomórfica, evidenciada pela delimitação assimétrica dos ombros (S1=esquerdo; S2/S3=direito) e pelo plano geral das sepulturas e respectivas cabeceiras: as sepulturas S1 e S2 denotam uma planta sub-trapezoidal e uma cabeceira em arco de volta perfeita, enquanto a sepultura S3 apresenta um plano sub-rectangular e uma cabeceira assimétrica, embora de pendor rectangular (Fig.3).

Assim sendo, e dadas as diferenças tipológicas patentes pela sepultura S1 e o núcleo composto pelas sepulturas S2 e S3, designadamente ao nível da delimitação da cabeceira, dos ombros e da própria orientação axial, poderíamos ser levados a supor dois (ou três) momentos distintos, embora contemporâneos, para a abertura dos sepulcros. Distintos, porque clara-

mente as diferenças ao nível do ter-

ço distal, ou seja, na zona correspondente aos ombros, individualizam duas formas tipológicas antagónicas, cabendo, nesse caso, a sepultura S1 num momento, e as sepulturas S2 e S3 noutro(s) espaço(s) temporal(ais); e contemporâneos, porque a organização dos arcazes parece determinar uma certa intenção de proximidade, dispondo os sepulcros «face a face», numa aparente tentativa de



Figura 3 - Sepultura S3

disposição hierárquica, nomeadamente pela individualização da sepultura S3 face às sepulturas infantis S1 e S2. Ora, julgamos entender nesta disposição uma organização parental que poderá corresponder à inumação, em momentos diferentes, de elementos associados a uma família nuclear. Quanto à sua balizeira temporal, coibim-nos, da tentativa de atribuir a este núcleo de sepulturas escavadas na rocha uma cronologia fina, optando antes por enquadrá-los numa sequência temporal lata, talvez numa transição entre o primeiro e o segundo momento deste modelo funerário, o que corresponderia, a um período compreendido entre o século VIII e X.

Este trabalho é da responsabilidade do Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada